

ASPECTOS CONCEITUAIS DE CULTURA E HISTÓRIA EM NIETZSCHE

Thiago de Souza Salvio*

Resumo: Nosso objetivo é compreender alguns aspectos distintos das concepções de história e cultura em F. W. Nietzsche (1844-1900). Para isto, vamos começar a partir do que certos intérpretes, como Frederick Copleston, denomina, cronologicamente por “primeiro Nietzsche”, ou seja, vamos perpassar pelos escritos da década de setenta (séc. XIX) do autor em pauta; são elas as ‘Considerações Intempestivas’ e, conseqüentemente, de modo sucinto, desdobramentos posteriores dos mesmos conceitos em sua filosofia de maturidade.

Palavras-chave: Filosofia da história; Cultura alemã; Nietzsche.

CONCEPTUAL ASPECTS OF CULTURE AND HISTORY IN NIETZSCHE

Abstract: Our objective is to understand some different aspects of the conceptions of history and culture in F. W. Nietzsche (1844-1900). For this, let us start from what certain interpreters, such as Frederick Copleston, call, chronologically by "first Nietzsche", that is, at this moment we will go through the writings of the seventies (nineteenth century) of the author in question, are they the 'Untimely Meditations' and, consequently, succinctly, unfold the concepts in their philosophy of maturity.

Key-words: Philosophy of history; German culture; Nietzsche.

Introdução

O presente texto tem o intuito de destacar aspectos da filosofia nietzscheana no que concernem aos conceitos de cultura e história. Assim, nos atentaremos brevemente às duas primeiras considerações intempestivas (*Unzeitgemässe Betrachtungen*), escritos da década de setenta do século XIX, cujo período é referido por alguns intérpretes como do “primeiro Nietzsche”. Embora haja essa demarcação, cabe ressaltar que o exame das concepções em questão, mencionadas acima, são objetos de análise constante, portanto, há certa continuidade no que diz respeito à obra do filósofo de Zarathustra ao tratá-la. Deste modo, a propósito destes apontamentos é traçado um panorama da fase sucessiva do autor, na qual os problemas supramencionados são refletidos sob outro prisma. Porém, ainda cabem aqui algumas observações dignas de notas. As concepções e ideais

* Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista em Marília. E-mail: thiagosouzasalvio@gmail.com.

de cultura contemporâneas a Nietzsche encontram nele um adversário resoluto e decidido naquilo que inaugura sua *Primeira consideração intempestiva: David Strauss, o confessor e escritor (David Strauß der Bekenner und Schriftsteller (1873))*. No referido ensaio ele descreve uma compreensiva definição de cultura, a saber, “cultura é acima de todas as coisas a unidade de estilo artístico em toda a expressão da vida dum povo”. Os conhecimentos e o saber, são para o Nietzsche da referida fase, em grande escala, inessenciais, (nem são um sinal de sua existência). E em caso de necessidade, esses conhecimentos e esse saber “podem coexistir muito mais harmonicamente com aquilo que se opõe à cultura - o barbarismo - isto é com uma absoluta falta de estilo ou com uma desordenada amálgama de estilos”. Portanto, para Nietzsche, a cultura não significa simplesmente saber, a ciência (*Wissenschaft*). O gênero da cultura alemã, essa cultura em que seus conterrâneos acreditam ter triunfado na guerra franco-prussiana (1870-71), não era para ele, de forma alguma, a verdadeira cultura. Pois não se enquadrava na proposição descrita acima, ao contrário, se mostrava precisamente o oposto negativo.

2. Aspectos da cultura: da alemã em particular

Admitindo que este realmente fosse um conflito entre duas civilizações, Nietzsche observa que não haveria razões de coroar aquela vitoriosa; se seu valor foi ligeiro - e isto é o que era falado da cultura francesa - então não há nenhuma grande honra na vitória. Mas por outro lado não há dúvida, sobretudo de uma vitória da cultura alemã; em parte porque a cultura francesa ainda persiste, e em parte porque os alemães, daí em diante, dependem disso. Foi a disciplina militar, bravura espontânea, dureza, superioridade dos líderes e a obediência dos liderados, resumindo, fatores que nada dizem respeito a cultura, fizeram com que a Alemanha obtivesse a vitória. Mas, finalmente, além disso, a cultura alemã não foi vitoriosa, justamente porque os alemães não tinham unidade cultural.

O alemão, segundo Nietzsche, amontoa à sua volta as formas, as cores, os produtos e as curiosidades de todos os tempos e zonas, e dessa forma, consegue criar essa bizarra novidade, como se tratasse de uma feira de aldeia, que os eruditos começam a admirar e a definir como “*modernisme per se*”. E o alemão deixa-se ficar pacificamente acororado no meio desse conflito de estilos. Assim, esse mesmo alemão

estabelece uma espécie de “loja de curiosidades” ou “bricabraque”, indo buscar uma coisa desta cultura e outra daquela, misturando tudo; e julgando-se então, uma pessoa culta. Juntemos a isto o pedantismo do sábio e teremos uma imagem da cultura alemã, que não é uma unidade genuína e criadora, mas uma cópia de outras culturas e - seja dito de passagem - uma cópia não muito inteligente. Os alemães julgaram que a sua cultura tinha triunfado sobre a cultura francesa, mas segundo Nietzsche, tal triunfo não existiu, pois a cultura alemã ficou tão dependente de Paris depois da guerra como estava antes. Nietzsche afirma em sua primeira consideração intempestiva que até aquele momento presente, nunca existiu coisa, que pudesse considerar uma cultura alemã original.

Ora, é evidente que o sábio alemão era um homem dum conhecimento profundo e exato, cuidadoso nas suas pesquisas e científico nos seus métodos. É também óbvio que aquela cultura que Nietzsche pretende ridicularizar incluía a educação, a crítica e os padrões literários, a arte e a música. Conquanto, esse elemento vital que os chamados homens eruditos puseram de lado e cuja omissão fez com que a sua cultura não fosse uma verdadeira cultura, mas sim uma pseudocultura, é pura e simplesmente a carência do essencial, do autodomínio, o próprio querer-viver, a vontade forte. Vale reiterar, a vida tem de dominar o conhecimento: não é o conhecimento que tem de dominar a vida. A vida é o mais alto “poder dominador, porque o conhecimento que aniquilasse a vida aniquilar-se-ia também a si. O conhecimento pressupõe a vida” (NIETZSCHE, 1954).

Os alemães têm muito conhecimento, do passado e da história, mas o conteúdo desse conhecimento não está unificado sob uma forma vital, permanecendo apenas em seu cérebro, na sua memória. Possuem conhecimentos sobre a cultura, mas não são cultos porque não vivem a cultura: tais conhecimentos são apenas meras ruínas, relíquias históricas, e assim permanecem porque não auxiliam a vida. Se assim não fosse, nunca eles se contentaram com tanto acúmulo sobre conhecimentos, porém se esforçaram por unificar o conteúdo de tais aquisições num estilo artístico, trabalhando por uma forma original de cultura alemã, para uma forma de vida realmente natural, genuína, unificadora e criadora, desde que realmente se tornassem senhoras de si e capazes de criar. De fato forma e conteúdo são coisas à parte.

O alemão tem o conteúdo - “um montão enorme de conhecimentos - pedras que ocasionalmente chocalham dentro de seu corpo” (COPLESTON, p. 64) - mas não tem a forma, desde que não há nada externamente que corresponda ao conteúdo de tais conhecimentos. É como um homem que come sem fome ou sem necessidade, de forma que os alimentos não lhe vão fortalecer o organismo, ou como a serpente que engoliu um coelho inteiro e que, depois, se deixa ficar estirada ao sol, evitando todo movimento que não seja absolutamente necessário. Os alemães sofrem mais que os outros povos europeus desta falta de personalidade e desta contradição entre o conteúdo e a forma.

Vemos geralmente nesta última uma convenção, um disfarce e uma máscara, e esta é a razão porque ela é, senão destacada, pelo menos pouco prezada entre nós; seria ainda mais exato dizer que temos um medo terrível da palavra “convenção” e, sem dúvida, também da própria coisa que chamamos de convenção. Foi este medo que levou os alemães a abandonar a escola dos franceses: pois queriam se tornar mais naturais e portanto mais alemães. Mas parece que foram enganados por esta “consequência”: tendo fugido da escola da convenção, eles se deixaram arrastar para onde melhor lhes parecesse e, num estado de semiconsciência, reproduziram suavemente e caprichosamente o que antes imitavam escrupulosamente e amiúde com certo sucesso. Além disso, estamos ainda hoje prisioneiros de uma convenção francesa às épocas passadas, uma convenção que seguimos de maneira incorreta e confusa: isto é atestado pela maneira de andar de se postar, de conversar, de vestir, de morar. Acreditando nos refugiar no natural, escolhemos tão somente a negligência, a comodidade e o mínimo esforço para nos superar (NIETZSCHE, 2005, p. 101).

Como os alemães têm o saber, sem o processo de vida, isto é, o conteúdo sem a forma, vangloriam-se de uma cultura que não é por si, cultura alguma, mas apenas um conhecimento sobre cultura. O seu senso histórico torna-os meramente passivos em vez de ativos, criadores e progressivos, são uma nação de “continuadores”, “*interiorizadores*”²¹² e não um povo de seres vivos que produzem e criam. É uma cultura assim não passa de uma coisa oca, dum abarrotar-se do passado, mas de um passado indigesto e sem qualquer relação com a vida.

²¹² Aqui temos em mente o duplo sentido para a palavra alemã “*Erinnerung*” (memória), derivação do substantivo para o radical do verbo “lembrar”, que por sua vez, remete ao advérbio “innen”, significando o “interior”, originada do alto alemão com o sufixo (derivado).

Embora Nietzsche não deixasse de admitir o erudito alemão do melhor tipo, insistia sempre sobre o ponto de que o seu saber era constituído por meros conhecimentos do passado, que em nada contribuíram para um processo de vida presente e criador. Tratava-se de conhecimentos mortos, livrescos e retrospectivos.

Ele ainda declara expressamente, apesar da angústia frente a amorfa situação cultural da Alemanha na época, que se buscava mais fervorosamente do que a reunificação política, a “unidade alemã no sentido superior, a unidade da vida e do espírito alemães, uma vez destruída a antinomia entre forma e conteúdo, entre interioridade e convenção” (Id., Ibid).

Resumindo, a cultura significa um processo de vida, natural, original, criador e genuíno, e não um conjunto de conhecimentos históricos. Pode, sem dúvida, incluir conhecimentos dessa natureza, mas tais conhecimentos não se devem considerar essenciais. “Um homem pode ser muito bem educado, sem que para isso tenha necessidade de história”²¹³.

3 Os traços gerais e as figuras nas quais a história é pensada na fase sucessiva

Segundo Karl Jaspers (2016), Nietzsche não é um pesquisador especialista que investiga metodologicamente (para além do curto espaço de tempo durante a juventude, no qual ele realiza um serviço como filólogo clássico com um disciplinamento científico consciente), nem o filósofo da história construtivo, que desenvolve um todo em si por toda parte estendido e fechado como expressão de sua consciência histórica atual; ao contrário, Nietzsche é o vidente, que exprime aquilo que vê em múltiplos aspectos, e que, com isso, joga ao vento de maneira dissipadora uma grande quantidade de observações. Ele se vê tomado também pelo prazer estético junto a imagens do acontecimento, e aparece para ele por vezes também uma falsa grandiosidade. Todavia, sem impulso essencial é a vontade de conhecer: por meio do saber em torno do acontecimento, histórico ele busca conquistar as bases para a avaliação do valor das coisas humanas.

²¹³ COPLESTON, 1953 (p. 63).

O filósofo concebe leis dominantes do decurso histórico, bem como as necessidades sociológicas e tipos psicológicos de comportamento. Ele busca por detrás da profusão infinita dos fenômenos históricos imediatos se deparar com aquilo que acontece no fundo. Assim, obtêm-se grupos de observações, por meio dos quais suas intuições históricas se tornam exemplarmente visíveis em suas direções:

1. A primeira questão é acerca do mais amplo horizonte: quando *começa* a história e qual é o fator que coloca em curso o movimento? Nietzsche responde: a história só começa com o impulso de libertação criador dos particulares; esse impulso é o movimento na tensão entre os *particulares* e sua *vinculação* por meio do duradouramente imutável de um todo. Eras *pré-históricas* - tal como Nietzsche as constrói - são determinadas exclusivamente pela providência como o elemento universalmente obrigatório que nunca é propriamente colocado em questão. Significar um indivíduo não é prazer, mas punição. Com o ser sozinho articula-se todo tipo de misérias e de temores. Quanto mais o “instinto de rebanho” e não sentido pessoal fala a partir da ação, tanto mais moral as pessoas se avaliam.

Espaços de tempo descomuns de tal “*eticidade* dos costumes” (*Sittlichkeit der Sitte*) se acham antes da história do mundo. Esses tempos descomuns - em face dos quais a “história do mundo” é apenas “um pequeno rasgo ridículo da existência humana” - são a “história efetiva e decisiva, que fixou o caráter da humanidade”. No tempo histórico, o movimento surge a cada vez por meio de uma solução do tradicional; “é a atividade dos espíritos livres, que faz a história” [...]. Contra a tradição, porém, o “espírito livre” é sempre fraco. Como é que, apesar disso, ele poderia chegar à realidade efetiva, essa é a questão sobre a geração do gênio” e, com isso, sobre o começo e o recomeço de uma história propriamente dita²¹⁴.

²¹⁴ Nada foi pago mais caro que essa pequena parcela de razão humana e de sentimento de liberdade que constitui hoje nosso orgulho. Mas é por causa deste orgulho que nos é praticamente impossível hoje ter o senso desse enorme lapso de tempo em que remava a “moralidade dos costumes” e que precede a “história universal”, época real e decisiva, de primordial importância histórica, que fixou o caráter da humanidade, época em que o sofrimento era uma virtude, a crueldade uma virtude, a vingança uma virtude, a negação da razão uma virtude, em que, pelo contrário, o bem-estar era um perigo, a sede de saber um perigo, a paz um perigo, a compaixão um perigo, a incitação à piedade era uma vergonha, o trabalho uma vergonha, a loucura algo de divino, a mudança algo de imoral, prenhe de perigo! — Pensais que tudo isso se modificou e que, por conseguinte, a humanidade mudou de caráter? Oh! conhecedores do

Nessa dependência do particular em relação ao todo como o elemento universalmente obrigatório e desse todo, por sua vez, em relação ao particular (com isto, a existência e, ao mesmo tempo a elevação do homem, a duração e a história sem tornam possíveis), Nietzsche encontra as suas formulações para os dois lados. Seu ponto de partida para o particular, o gênio, o espírito livre é apaixonado. Essa postura não é contradita, mas ela complementa a sentença, segundo a qual não haveria “nada mais nocivo para uma boa inteligência da cultura senão o gênio e não deixar vigorar nada além dele”. Por isto, como um meio de cura para o culto ao gênio, Nietzsche quer colocar do lado o “culto à cultura”. Pois o ressoar constante de tudo o que é humano do mesmo modo a as obras de formigas e as dos gênios - não deve se perder uma vez mais: “como é que nós poderíamos desaconselhar o baixo fundamental cuja profundidade temos em comum, com frequência ingente, sem o qual de fato a melodia não consegue ser melodia?” 2. O transcurso da história é, para Nietzsche, a condição do homem por meio de erros efetivos de conteúdo metafísico, religioso, moral. O ponto de partida do desenvolvimento é o homem como força natural selvagem e sem regras. Nós, em verdade, quase o esquecemos. Nossa era possui um clima por assim dizer suave em contraposição a outros tempos anteriores tropicais. O que aconteceu aí, porém, é o pressuposto também de nossa existência. A partir da transformação desse acontecimento, nossa essência emergiu. “Caso deduzamos o efeito desses erros, então também suprimiremos do cálculo final a humanidade, o caráter do ser humano e a “dignidade humana”. 3. Na história é preciso vislumbrar os poderes terríveis constantemente permanentes que o homem dissimula para si, sem com isso suspender sua realidade efetiva. Ele tem a sua existência apenas ao mesmo tempo com eles. “Cultura é apenas uma casca fina de maçã sobre um caos ardente”. Nietzsche reconhece esses poderes por toda a parte como o início: “aquilo que se denomina mal são os arquitetos ciclópicos e os construtores do caminho para a humanidade”. Toda e qualquer cultura começou com bárbaros, nesse começo “toda e qualquer coisa era dissimulada”. A todo tempo continua acontecendo o elemento terrível, apenas ainda mais dissimulado, porque ninguém parece fazer nada, as pluralidades são inventadas para fazer coisas que

coração humano, aprendam a conhecer-se melhor! (NIETZSCHE, 1954, Band 1, S. 1025-1027 (Aurora,§18).

o particular não tem coragem. O Estado o alcança de tal modo que uma grande quantidade de coisas é feita, em relação às quais o particular nunca teria expertise e um saber-fazer, por meio da divisão extrema da responsabilidade, do comando e da condução, por meio da intermediação das virtudes da obediência, do compromisso, do amor à pátria e do amor aos príncipes, por meio da conservação do orgulho, do rigor, da força, do ódio e da vingança (JASPERS, 2016).

O homem deixaria de ser homem sem história. Ele chega até si mesmo em cada uma de suas novas figuras por meio do fato de ele apreender o passado e se afastar dele, e por meio do fato de que ele sabe que é futuro. Por isso, ele precisa da história, a fim de - como Nietzsche o desenvolve - conquistar a partir de grandes exemplos daquilo que foi possível para o homem coragem para o seu fazer atual, revolvimento de sua essência e consolo no fracasso (na história monumental); ele precisa dela, para perceber sua própria origem respectiva com uma piedade amorosa (na história antiquária); e ele precisa dela, a fim de superar o que apenas foi a partir dos impulsos fecundos de seu ser atual (na história crítica). A lembrança histórica é configurada para o saber da ciência histórica. Nietzsche viveu simultaneamente, em seu tempo, com quem se arrogava ser, a era propriamente histórica. Ele coloca as perguntas ligadas a dúvida para a ciência histórica como um todo. Não é contra o método científico como tal e nem contra a lembrança histórica, mas contra os historiadores supostamente científicos que se volta à ira de Nietzsche: eles pretender estar na posse de um saber que eles de maneira alguma possuem.

Em particular, não é possível nenhum saber total sobre qualquer coisa passada e, em verdade, não por causa do material - seja ele infinito ou nunca capaz de ser abarcado, seja ele um material que só chega a nós de maneira falha -, mas por causa da possibilidade infinita de toda e qualquer existência, que só se abre para aquela lembrança que produz a si mesma em seu mundo. Com o passado que se torna fundamento para mim, eu não consigo nem me tornar idêntico no saber, nem vislumbrá-lo inteiramente. Um suposto saber total seria uma destruição do processo autêntico apropriador da lembrança por meio de um pseudosaber cientificamente incorreto e existencialmente não verdadeiro. Contra essa desonestidade intelectual, Nietzsche

convoca a experiência vívida, o “a-histórico”, mas deixa aí, contudo, nas formulações, que isso seria aparentemente como a vida da existência animal, um tornar-se brutalmente indiferente no não saber e mero esquecimento, confluindo para o que é propriamente humano, o ser originário no presente, com isto, cerne da perspectiva histórica.

A expressão “força a-histórica designa para mim a arte e a faculdade de *esquecer* e de se fechar num horizonte limitado, ao passo que as forças “supra-históricas” são aquelas que desviam o olhar do devir e o levam para o que dá a existência um caráter de eternidade e de estabilidade, para *arte* e a *religião*. A *ciência* - pois somente ela falaria aqui de venenos - vê esta faculdade, estes poderes, como forças hostis; pois a única concepção verdadeira e correta, quer dizer, científica é para ela aquela que faz de todas as coisas o resultado de uma evolução, uma realidade histórica e não algo que existe; ela vive numa contradição eterna com estes poderes imortais e eternos, que são a arte e a religião, mas também odeia o esquecimento, que seria a morte do saber; por isso busca suprimir tudo o que limita o horizonte do homem, para lançá-lo no infinito mar de luz do devir revelado (*Id.*, *Ibid.*, p. 173).

Diferente da essência animal, a essência humana se efetua historicamente como vimos de antemão, é por meio de uma a tradição inconsciente e uma lembrança consciente, por isso, a arte e a religião são expressões “eternas” e “imutáveis” desses dois últimos, configuram, por sua vez a força “supra-histórica”.

Nietzsche é tocado pela experiência de que a história pode arruinar os instintos fundamentais do homem, ele deixa isso claro no escrito de juventude *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida (Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben (1874))*. O resultado é: a história destrói os instintos; ela impede por meio de uma consciência prematura o germe de toda vida em seu processo de maturação, ela produz com a crença do envelhecimento da humanidade o sentimento do caráter epigonal²¹⁵; e,

²¹⁵ Contra a comparação das diversas épocas históricas com *a juventude, a maturidade e a velhice* do indivíduo: não há qualquer traço de verdade nisso! Cinco ou seis milênios não são absolutamente nada e, sobretudo não constituem uma unidade, porque se vê constantemente surgirem novos povos à medida que os povos antigos entram em hibernação. Afinal de contas, não se trata absolutamente de povos, mas de indivíduos, a *nacionalidade* é frequentemente apenas a consequência de medidas rígidas pelas quais os homens são governados, quer dizer, encerrados numa classe, vigiados, postos no bom caminho, com a obrigação de se casar, falar e viver juntos (*Id.*, *Ibid.*, p. 231).

por fim, ela só deixa restar uma atmosfera irônica na consciência da nulidade própria e da dissolução de todas as coisas. Por essas vias, a história priva o homem do valor da lembrança histórica. Por meio dela, o homem (na história monumental) não se torna mais do que um conhecedor do grande, sem ser alguém que pode ser grande; ele se ocupa (na história antiquária) sem piedade com o passado meramente como passado, ele condena (na história crítica) sem uma necessidade efetiva o que foi, sem fazer outra coisa senão decompô-lo. As duas potências do lembrar e do esquecer são assim, denominadas por Nietzsche de “o histórico” e o “a-histórico” no homem. Uma vez que os dois são necessários, pode-se declarar um ou outro como o essencial.

Nietzsche exhibe os fundamentos intuitivos de sua tese anti-histórica. Se a história é decadência da vida, infelicidade, se seu excesso conduz à desordem biológica, e ele não demonstra, somente apresenta exemplos a favor da tese, então toda “*historicização*” desta posição não faz mais que confirmá-la. Animal e homem, felicidade e infelicidade, vida e história: é poderosa a sugestão de aproximações. Mas a lembrança é fonte de infelicidade, então o destino do homem é mais trágico do que se deduzia do tratamento. De fato, o poder de recordar é evolvente para a vida humana, e pode se dizer que toda consciência é representação daquela que já se sucedeu, ou de qualquer maneira, de algo cuja existência (outra representação) precede aquela representação. Talvez sem advertir, Nietzsche atenua a importância de seu pensamento. Se o homem é animal histórico, toda sua existência deveria estar assinalada por este destino: mas Nietzsche restringe a perspectiva e a áspera sentença de que o excesso de história é uma enfermidade histórica. De tal maneira, o juízo pessimista é circunscrito “*historicamente*”, dirigido a nosso presente.

Segundo Deleuze (1995) nos diz que cultura significa adestramento e seleção para Nietzsche, ele chama o movimento da cultura de “moralidade dos costumes”: esta não é separável dos grilhões, das torturas, dos meios atrozes que servem para adestrar o homem. Mas nesse adestramento violento, o olho do genealogista distingue dois elementos: (1º) Aquilo a que se obedece, num povo, numa raça ou numa classe, é sempre histórico, arbitrário, grotesco, estúpido e estreito; isso representa na maioria das vezes as piores forças reativas. (2º) Mas no fato de que se obedeça a alguma coisa,

pouco importa a que, aparece um princípio que ultrapassa os povos, as raças e as classes. Obedecer à lei porque é a lei: a forma da lei significa que certa atividade, ou certa força ativa, se exerce sobre o homem e se atribui a tarefa de adestrá-lo.

Apesar de inseparáveis na história, esses dois aspectos não devem ser confundidos: por um lado, a pressão histórica de um Estado, de uma Igreja, etc., sobre os indivíduos a serem integrados; por outro lado, a atividade do homem como ser genérico, a atividade da espécie humana enquanto se exerce sobre indivíduo como tal. Daí o emprego por Nietzsche das palavras “primitivo” “pré-histórico”: a moralidade dos costumes precede a história universal; cultura é atividade genérica, “o verdadeiro trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período da espécie humana, todo seu trabalho pré-histórico..., qualquer que seja, aliás, o grau de crueldade, de tirania, de estupidez, de idiotice que lhe é próprio”. Toda lei histórica é arbitrária, mas o que não é arbitrário, o que é pré-histórico e genérico, é a lei de obedecer a leis. Pré-histórico significa genérico. A cultura é a atividade pré-histórica do homem.

Mas em que consiste essa atividade? Trata-se sempre de dar ao homem hábitos, de fazê-lo obedecer a leis, de adestrá-lo. Adestrar o homem significa formá-lo de tal modo que ele possa acionar suas forças reativas. A atividade da cultura se exerce, em princípio, sobre as forças reativas, dá-lhes hábitos e impõe-lhes modelos, para torná-las aptas a serem acionadas. A cultura, enquanto tal exerce-se em várias direções. Atacam até mesmo *as forças reativas do inconsciente*, as forças digestivas e intestinais mais subterrâneas. Mas seu objetivo principal é o de reforçar a consciência. É preciso dar a essa consciência que se define pelo caráter fugidio das excitações, a essa consciência que se apoia na faculdade do esquecimento, uma consistência e uma firmeza que ela não tem por si mesma. A cultura dota a consciência de uma nova faculdade que, aparentemente, se opõe à faculdade do esquecimento: a memória. Mas a memória da qual se trata aqui não é a memória dos traços. Essa memória original não é mais função do passado, mas função do futuro. Não é memória da sensibilidade, mas da vontade. Não é memória dos traços, mas das palavras. Ela é faculdade de prometer, engajamento do futuro, lembrança do próprio futuro. Lembrar-se da promessa feita não é lembrar-se de que foi feita em tal momento passado, mas de que se deve mantê-la em tal momento

futuro. Eis aí precisamente o objetivo seletivo da cultura: formar um homem capaz de prometer, portanto dispor do futuro, um homem livre e poderoso. Só um homem assim é ativo; ele aciona suas reações, nele tudo é ativo ou acionado. A faculdade de prometer é o efeito da cultura como atividade do homem sobre o homem; o homem que pode prometer é o produto da cultura como atividade genérica.

4. Considerações finais:

Vimos até aqui o quanto Nietzsche se preocupava com a cultura alemã, principalmente no concernente, de certa maneira, a formação (*Bildung*) científica que tendia à acumulação pedante superficial bem como uma erudição de “filisteu”: o sintoma de tal incontinência dos alemães contemporâneos ao nosso autor é o historicismo exacerbado.

Conquanto, é mister destacar que não podemos perder de foco a relação entre a primeira e a segunda intempestiva, e como o conceito de cultura e história estão entrelaçados. Ora, a despeito de um expoente historicista que afigurava essa mais nova tendência, aos olhos inexoráveis da crítica nietzscheana, não passava de um desprezível “apologeta da boa e nova fé”, o “evangelho de cervejaria” rezado por Strauss era muito condizente com a glotonaria de conhecimento, o resultado seria, senão, uma indigestão mnemônica na cultura alemã, é como se esse primeiro diagnóstico da *décadance* (decadência) fosse pela falta de um regime dietético adequado para o “*volksgeist*”. Esse golpe ferino na soberba da opinião pública é, na verdade, um opróbio para ela, pois se aviltava culturalmente. Deste modo, vale recapitularmos, em resumo, o que fora traçado, por conseguinte, se num momento primordial abordamos a singularidade da análise com a qual Nietzsche polemizou contra o sectarismo de seus conterrâneos em vistas de um conceito autêntico de cultura, que expressasse a unidade artística mesma (não é a esmo que ele se enfezava até com a qualidade da escrita), então, logo isso vai de encontro com a segunda intempestiva. Seja observado de antemão que buscamos demarcar os diferentes enquadramentos referentes à concepção de história e seus desdobramentos. Agora bem, seja dito que ao esboçarmos os traços sob os quais Nietzsche pensa a história, verificamos também, concisamente, sua fase madura:

1) Ele resgata a “genealogia” da nossa “pré-história”, isso significa que, assim como na segunda intempestiva é enunciado uma origem a-histórica do homem, constituída fundamentalmente por sua natureza animal, isto é levado a cabo na investigação ulterior sobre a gênese da moral e da cultura; 2) Por sua vez, a razão possui, como que uma “história natural”, isto se vincula à geração irracional da razão durante o violento processo civilizador marcado a sangue e ferro, por sua vez resultaram nas estancadas instituições dos homens, as religiões, as doutrinas metafísicas, os estados, a escravatura, etc.; 3) a elevação do alto grau de civilidade que os grandes estados se arrogam para si é nada mais nada menos do que o fortalecimento de uma casta²¹⁶, para que os gregos principalmente, e mais tarde os romanos pudessem ter o privilégio de uma cultura superior em relação aos outros povos, foi necessário a subjugação dos dominados fundado na escravidão, ao poderio dos senhores para que eles usufruíssem do *otium* (ócio) tão caro ao desenvolvimento de uma cultura superior.

Enfim, à guisa de considerações finais, as quais volveram nossos olhos em retrospecto, àqueles três métodos de investigação de Nietzsche, que perscrutam as raízes da história e da cultura, pode ser atribuído como exato contrapeso das tendências historicistas de sua época (história antiquária, crítica e monumental), com a diferença especial de que o “profeta do além-do-homem (*Übermensch*)” refina ao longo da elaboração de suas obras cada vez mais suas reflexões sobre esses temas indissolúveis, chegando não só a contribuições indeléveis, controversas no que diz respeito ao âmbito da psicologia, antropologia, direito, ciência política, daí em diante; mas propõe aos seus leitores a superação do que ele chamará de “as velhas tábuas”: a “tresvaloração de todos os valores” (*Umwertung aller Werte*).

²¹⁶ Qualquer um com senso de realidade vai sentir essa limitação pelo menos do lado imaginativo, quando trazer a tona este sentimento de casta. A cegueira de mestres para a qualidade de uma classe servil, exceto como isso fixa a deveres convencionais de serviço, - a cegueira vingativa no viés de um criticismo agudo do outro lado-, do homem de raças superior que supõe dilacerar generalizações adequadas a complexidade infinita dos povos que despreza, a autosuficiência e a calma clareza com o qual o aristocrata tende a deixar a fora do mundo para ser contado com o comerciante e artífice, para ser reconhecido pelo que é - mera obtusidade e dogmatismo de espírito, que merece a condenação que pertence a qualquer involuntariedade para ser contida em fórmulas especiosas (Cf. ROGERS, 2018, p. 292).

Referências bibliográficas:

COLLI, Giorgio. **Introducción a Nietzsche**. Pre-textos, 1980.

COPLESTON, Frederick C. **Nietzsche, filósofo da cultura**. trad. Eduardo Pinheiro. Porto, Editora Tavares Martins, 1953.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. trad. Antonio M. Magalhães. Porto, Ed. Rés, 1995.

JASPERS, Karl. **Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche**. trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. trad. Paulo Cesar de Souza. Editora Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história**. trad. Noeli C. M. Sobrinho. Edicoes Loyola, 2005.

ROGERS. A. K. **Nietzsche e o ideal aristocrático**. In Revista Lampejo - vol. 8 nº 2 - issn 2238-5274 (p.290-297), 2018.

ROGERS. A. K. **Friedrich Nietzsche: Werke in drei Bänden. Band 1: Unzeitgemäße Betrachtungen**. München, 1954.

ROGERS. A. K. **Friedrich Nietzsche: Werke in drei Bänden. Band 1: Morgenröte**. München, 1954.